Gênero, educação e história

Ama-se apenas por engano: amor e sedução no início do século XX

Jomar Ricardo da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Gênero, educação e história

Ama-se apenas por engano: *amor e sedução no início do século XX*

Jomar Ricardo da Silva

Há várias maneiras de conceber o amor, em razão das formas com as quais as pessoas se relacionam consigo, com outras e objetos ao redor. Há amor de filhos para com os pais, ou um sentimento fraterno que une a distância dois amigos, ou a abnegação de um estudioso ao conhecimento. Diante de termo flexível, Freud delimitou a concepção de amor como sendo: o núcleo que consiste na designação comum, em que os poetas cantam, “no objetivo do intercurso sexual” (FREUD, 1953, p. 32).

A união sexual é o remate de um processo de pulsão, em que a libido orienta a aproximação dos sexos. Entre o surgimento do desejo e o gozo propriamente dito, há a sedução. Se o que se denomina amor tem por fim um ato que abdica temporariamente do objeto amado devido à realização do desejo, a sedução é a renovação desse desejo e o desvio, por ser “uma estratégia de deslocamento (*se-ducere*: afastar, desviar de seu caminho)”, do sentido da verdade do sexo que provê as relações amorosas (BAUDRILLARD, 1991, p. 28). Ela se realiza em caráter de interdependência entre sedutor e seduzida, porque dizia Baudrillard (1991, p. 92) “ser seduzido ainda é a melhor maneira de seduzir. É uma estrofe sem fim,” e digamos nós, estrofes a compor poemas que cantam os amores em prosa de homens e mulheres da lavra de Lima Barreto.

Com objetivo de tecer sua urdidura e entrelaçar-se com as pretendentes em teias de paixão, Cassi Jones, personagem do romance *Clara dos Anjos* (1956), possuía uma teoria própria do amor. Na condição de sedutor, expressava as relações estabelecidas com as mulheres como uma aproximação mecânica entre corpos unidos pela paixão: “A tal respeito, com o seu cinismo de sedutor de quinta ordem, tinha uma oportuna teoria, condensada numa sentença: não se pode contrariar dois corações que se amam com sincera paixão” (BARRETO, 1956, p. 102). Mais do que uma teoria, o narrador manifesta a determinação do protagonista, que na aventura amorosa não admitia os obstáculos a estorvar o seu caminho. Se ele tinha uma concepção geral permeando o processo de conquista, fazia-se necessária também uma maneira de agir através da qual poderia concretizar os planos previamente estabelecidos.

A primeira iniciativa era escolher a presa com quem contracenaria o episódio que “no decorrer do qual o sujeito amoroso é ‘seduzido’ (capturado e encantado) pela imagem do objeto amado” com intuito de forjar relações com o nome de *amor à primeira vista*, ou cientificamente, enamoramento (BARTHES, 2003, p. 301). O narrador de *Clara dos Anjos* explica como Cassi Jones realizava a escolha de sua captura:

Entre as relações de suas irmãs, havia uma moça muito pobre, que morava na redondeza. Sua mãe era viúva de um capitão do Exército, e ela, a Nair, era filha única. Com o auxílio de alguns parentes, a viúva ia encaminhando a filha, nos estudos próprios de seu sexo. Ela tinha tendência para música e procurou aproximar-se de Catarina, para explicar-lhe a matéria. Contava dezoito anos, muito risonha, de um amorenado sombrio, cabelos muito negros, pequenina e viva, com os seus olhinhos irrequietos e luminosos (BARRETO, 1956, p. 48-49).

Estabeleciam-se as características que deveria ter a futura seduzida. A proximidade, sem dúvida, propiciava a facilidade de contatos e encontros. Era órfã de pai, portanto, esse fato deixava-lhe desprotegida para posteriores cobranças feitas ao sedutor. Em outra passagem, esse aspecto da escolha está mais acentuado: “Escolhida a vítima de sua concupiscência, se, de antemão, já não as sabia, procurava inteirar-se da situação dos pais, das suas posses e das relações” (BARRETO, 1956, p. 107). A sondagem evitaria futuros problemas com a família da moça. Se esta tivesse posse patrimonial e relações com pessoas influentes, provavelmente ele a descartaria. Se incorresse no que era conside-

rado por ele um erro, certamente haveria cobrança da honra que incluía a morte do sedutor ou no mínimo a sua prisão.

Em seguida, Nair contraiu convivência habitual com a irmã de Cassi Jones, Catarina, na expectativa de receber-lhe lições. Por fim, destavam-se as qualificações físicas da moça: idade, traços da personalidade e fenótipo que realçavam a sensualidade da mulher. Nota-se, como afirma Baudrillard (1991, p. 51), que na visão instrumental da nossa cultura, o sexual superou a sedução, anexando-a subalternamente, invertendo o prisma da ordem simbólica, onde a sedução é primordial e a sexualidade vem-lhe por acréscimo.

Os caminhos traçados consistiam em cortejar as pretendentes, sem demonstrar interesses. Deixava-se ser percebido e aos poucos as envolvia, fazendo com que elas se sentissem atraídas por ele sem empregar nenhuma atitude coercitiva. À parte a teoria do amor, estava “a consideração de que não empregava violência nem ato de força de qualquer natureza” (BARRETO, 1956, p. 102). Ao reconhecermos que a sedução se faz, para ser considerada enquanto tal, por ato voluntário do seduzido, com a figura do sedutor trazendo em si um recurso que garante êxito às investidas, o disfarce.

Asserta Baudrillard (1991, p. 80) que “a estratégia da sedução é o engano.” Ela permanece de atalaia sobre as coisas que se confundem com a realidade, inferindo daí um grande poder. Diferente da produção que forja signos reais com poder assentado na realidade, a sedução certifica-se no engano e dele retira todos os poderes.

Se há um engano, por que essas mulheres seduzidas se enganavam? Clara dos Anjos não conseguia entender os motivos pelos quais Cassi Jones tinha má reputação, insistia em desacreditar em comentários desabonadores da moral dele, até mesmo quando o pai do janota fazia este juízo do filho:

Este rapaz é um perverso, é sem vergonha. Eu sei o nome das outras. Olhe: a Inês, aquela crioulinha que foi a nossa copeira e criada por nós; a Luísa, que era empregada do doutor Camacho; a Santinha, que ajudava a mãe a costurar para fora e na Rua Valentim; a Bernarda, que trabalhava no “Joie de Vivre” ... (BARRETO, 1956, p. 46-47).

O pai não tinha dúvida do caráter do filho em matéria de sedução ao citar a lista de moças que por ele foram defloradas: Inês, Luísa, Santinha e Bernarda. Este, no seu afã de conquista, tinha deflorado números incontáveis de donzelas

e mulheres casadas. Para ele, suas ações premeditadas e sem escrúpulos não repercutiam em consequências desastrosas para as vítimas. Nesse sentido, Baudrillard (1991, p. 95) afirma que “a sedução é apenas um processo imoral, frívolo, superficial, da ordem dos signos e das aparências, voltado aos prazeres e à fruição dos corpos inúteis”.

[...] ele, na sua singular moral de amoroso, por ter até ali seduzido cerca de dez donzelas e muito maior número de senhoras casadas. Os suicídios, os assassinios, o povoamento de bordéis de todo o gênero, que os seus torpes atos provocaram, no seu parecer, eram acontecimentos estranhos à sua ação e se haviam de dar de qualquer forma. Disso, ele que não tinha culpa (BARRETO, 1956, p. 106).

O narrador associa fenômenos sociais como o suicídio, o assassinato e a prostituição aos atos de sedução que não tivessem a finalidade de casamento, por vontade deliberada de uma das partes, ou por proibição das normas sociais. Neste último aspecto, Karl Marx narrou, em 1846, três casos de suicídio envolvendo mulheres que cometeram autocídio em razão de relacionamentos amorosos. Um caso de uma jovem que teve relações sexuais com o noivo; outro de uma moça abastada por ter engravidado do marido de sua tia e por último pela brutalidade e opressão do marido. **A crítica de Marx vai em direção ao poder dos familiares que, de modo despótico, submetem-se a reproduzir relações injustas da sociedade. Dizia ele: “O mau uso dessa autoridade é igualmente uma compensação grosseira para o servilismo e a subordinação aos quais essas pessoas estão submetidas, de bom ou de mau grado, na sociedade burguesa” (MARX, 2006, p. 32, grifos do autor).**

A insaciável sede de Cassi Jones em seduzir incontáveis mulheres poderia ser explicada pela necessidade da exigência interminável sobre os homens da prova de sua masculinidade, “numa sexualidade tornada problemática, pois é intimada a dar provas e a se manifestar sem interrupção, a posição marcada, masculina, é frágil” (BAUDRILLARD, 1991, p. 33). Todavia, a fragilidade de Cassi Jones era percebida, por parte dos seus críticos, apenas pela ótica dos valores morais, enquanto as moças e as mulheres casadas seduzidas viam nele uma outra face.

Clara dos Anjos reconhecia Cassi Jones através de um estado emocional de enamoramento, que fazia dele um homem probo, honesto, disposto a corresponder aos seus anseios amorosos e de enlace matrimonial. Qualquer posição

contrária ao quadro ideal que ela tinha construído sobre ele, seja dos pais ou amigos da família, tendia a contrariá-la e aborrecer-lhe:

Avaliou em algum ressaibo de revolta o procedimento dos pais. O que queriam fazer dela? Deixá-la ficar para “tia” ou fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente; sua mãe e seu pai tinham, pela força das cousas, que morrer antes dela; e, então, ela ficaria pelo mundo desamparada? Cochichavam que Cassi era isto e era aquilo. Dona Margarida e o padrinho eram os que mais falavam dele; que era um devasso, um malvado, um desencaminhador de donzelas e senhoras casadas. Como ele poderia ser tanta coisa ruim, se freqüentava casas de doutores, de coronéis, de políticos? Naturalmente havia nisso muita inveja dos méritos do rapaz, em que ela não via senão delicadeza e modéstia e, também, os suspiros e os dengues de violeiro consumado (BARRETO, 1956, p. 91-92).

Para Clara dos Anjos, as ressalvas que seus pais faziam a Cassi terminavam por lhe prejudicar. A família não poderia, segundo ela, comprometer seu futuro, pois precisava casar para assegurar a tranquilidade que apenas o esposo concedia-lhe, com a provável morte dos pais. Depois, ele não era uma pessoas de má índole por contrair relações sociais com pessoas importantes, já que frequentava a casa de doutores, coronéis e políticos. Na verdade, concluía: essa fama de tanta “coisa ruim” era explicada pela inveja dos seus detratores.

Assomadas a essas reflexões que a moça fazia, viam-lhe outras relativas a sua condição de mulher de cor, mulata, enquanto Cassi Jones era branco. Um possível obstáculo à realização de sonhos de amor: a cor. Logo, quando se lembrava de exemplos de casamento entre pessoas de etnias diferentes, as preocupações se dissipavam rapidamente, dando lugar a desejos de amar que sua idade exigia e o seu corpo, com “seus seios duros,” reclamava satisfazê-los.

Uma dúvida lhe veio; ele era branco; ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos, que ao fazer esse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar (BARRETO, 1956, p. 91).

O corpo de Clara dos Anjos apresentava sintomas e sinais que, em conjunto com os humores incostantes, alternando tristeza e alegria, davam a impressão à dona Eugrécia que a filha pudesse estar com distúrbios de saúde. Comunicado,

o pai ratifica a opinião da mãe e conduz Clara dos Anjos ao médico. A disposição de espírito da moça é descrito pelo narrador desta maneira:

Estava sempre a sonhar com ele, com aquele Cassi da viola. Passava da alegria para o chôro. A mãe notava-lhe essas alternativas de humor e fazia-lhe perguntas. Ela as respondia, malcriadamente, desabridamente. Relaxava o serviço ou não o fazia. Quase sempre, esquecia-se disso ou daquilo.

Daí a dias, Joaquim faltou à repartição e levou a filha ao doutor. Êste a examinou e disse ao pai:

- Sua filha nada tem. São cousas da idade e do sexo...Dê distrações, passeios, convivência – é o que ela precisa....Em todo o caso, vou receitar... (BARRETO, 1956, p. 151).

As razões para levar Clara dos Anjos ao médico, diante do quadro de sintomas sentidos pela moça e de sinais percebidos pelos pais, estavam inseridas na ordem médica do período, em que o cientificismo passava a “expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres” (MATOS, 2003, p. 109). Somado ao discurso médico que ordenava os corpos, havia o discurso psicanalítico que intencionava explicar os segredos da mente desnordeada pela paixão.

Para Freud, a desrazão que acomete as pessoas apaixonadas seria um sintoma do enamoramento, em que a libido narcisista se transfere para o objeto amado. “Amamos no objeto a causa das perfeições que desejamos para o nosso próprio eu e que agora quiséramos [...] para satisfação do nosso narcisismo” (1953, p. 57). Põe-se o objeto amado no lugar do eu ideal, transferindo para ele as perfeições que desejamos para nós. Logo, não é outro que amamos, mas a nós mesmos que vemos nele. Essa empatia “leva à cegueira do amor, já que o objeto, ocupando o lugar do ideal, torna-se perfeito e inatigível e o eu, submetido ao ideal, torna-se cada vez mais modesto e pequeno” (LEJARRAGA, 2002, p. 112).

A sedução é uma arte de enganar, mas necessita do emprego dos meios para a consecução dos fins. O sedutor começava por saber dos lugares onde a pretendente frequentava ordinariamente. Isso se fazia acompanhando-a em segredo, seguindo seus passos nas ruas da cidade, por onde ela fosse, passasse, conversasse. Cassi Jones, para se aproximar de Nair, uma amiga de sua irmã,

de quem recebia aulas, fez-lhe um assédio: “começou a cercar Nair ‘por fora’. Quando ela ia sair, precedia-a, ficava na porta da padaria, cumprimentava.”

Tudo se baseava em confluência proposital, como se fosse um encontro casual. A sedução era uma representação em que da presença presumia-se a ausência. Entre o referente e a sua ausência instituída no presente como o tempo da angústia, imiscui-se a aparência. A sedução, por não ser fundada na solidez do real, nem se prontificar em ocultar-se, é o contrário do real, mas “está imediatamente ali”, opondo-se à profundidade da essência dele e a todos os possíveis signos produzidos pela cultura científica. Da tentativa de perscrutar a realidade com esses signos, conseguir-se-ia apenas “jogar ser contra ser, verdade contra verdade; eis aí a armadilha de uma subversão dos fundamentos, quando basta uma *ligeira* manipulação das aparências” (BAUDRILLARD, 1991, p. 15).

A aparência se efetiva no modo de vestir, pentear os cabelos, de trazer os calçados para um desempenho satisfatório na arte da sedução. Desse modo, a moda era um ingrediente importante para sedução. No Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor estava sempre repleta de transeuntes onde “todos queriam ser vistos por todos, acotovelando-se entre suas estreitas calçadas” (MORAIS, 2002, p. 35). Respirava-se uma atmosfera de modernidade em que na cidade-metrópole e em suas “regras de condutas, de linguagem e de vestir” enalteciam as aparências (PESAVENTO, 1999, p.198). Todavia, nas ruas do centro da cidade, Cassi Jones não se sentia à vontade. Deparava-se com uma realidade social diferente da sua e implicava com os elegantes que ficavam nas esquinas e nas calçadas: “achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio”. Mesmo usando tudo aquilo o fazia com modéstia, reprovando a afetação dos esnobes. As indumentárias de Cassi Jones estavam até certo ponto dentro dos padrões dos grupos sociais abastados, em outro, das destes se diferenciavam.

Referências

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Volume V)

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1991.

FREUD, Sigmund. **Psicología de las masas y análisis del yo**. Trad. Luis López – Ballesteros de Terres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953. (Obras completas, v. 9).

LEJARRAGA, Ana Lila. **Paixão e ternura**: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Trad. Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Raquel. (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.